



ou animal), será a única, no seu entender, a explicar a origem do termo hespanholado *gaúcho* — phonetica e semanticamente equivalente áquelle vocabulo *huácho*, tanto que os modernos escriptores platinos já assim o empregam (vide os conhecidos versos de Martim Fierro e a novella argentina do *Valle negro*, de Martinez Zuviria), fazendo exactamente corresponder ao primitivo *huácho* a condição do *gaúcho*, na sua pitoresca e popular criação.

Para o professor Cosío nenhuma duvida occorre na transformação operada de *huácho* em *gaúcho*, pois, com muitos outros nomes derivados da lingua *kechúa* ou *quechúa* (por exemplo *Hualna* e *Atahualpa*) occorre o mesmo phenomeno da troca do *h* em *g*, quando taes nomes foram assimilados pela lingua dos conquistadores, que pronunciavam *Guadna* e *Atagudpa*. Aqui, cabe-nos, por nossa vez, observar que temos a voz onomatopaica brasileira — *gaúcho* — (tambem vulgarmente dita *gáxo* ou *gáxe*) com que se designa vulgarmente, entre nós, pequena ave indigena, ainda conhecida por *gaudério*, pelo seu curioso habito parasitario de deixar a postura de ovos a chocar em alheio ninho, de outros passaros.

Os ornithologistas classificam o *gaúcho* ou *gaudério* sob o nome scientifico de *Cassicus Hemorrhous*. Ora, dois escriptores, exactamente do Rio Grande do Sul (Coruja e Teschauer) assim alludem a um peculiar significado que lá tem o termo *gaúcho*, de forma concordante com o sentido já acima examinado da palavra *huacho*, no rico idioma dos indios peruvianos.

Diz o professor Antonio Alves Pereira Coruja, na sua "*Collecção de vocabulos e phrases, em uso na provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul*" (in-tomo XV, pag 219, anno de 1852, da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*): *gaúcho* vem a ser o cavallo, ou terneiro (novilho ou bezerro) criado em casa; é quasi o mesmo que engelhado ou exposto, por não ser alimentado pela propria mãe; e *gaúcho* (define o mesmo autor) é o indio do campo, sem domicilio certo, ajuntando que por *cavallo gaúcho* se entende o que não pára em parte alguma, ou de que se não conhece o dono.

O padre Carlos Teschauer (á pagina 28 do seu trabalho ethnologico, editado em 1909, sob o titulo *Estudos Ethnologicos: I* — "As aves nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas") assevera, por sua vez, que *gaúcho* ali se diz de um animal que não tem mãe, precisando-a ainda para o seu desenvolvimento; e que os *gaúchos*, para designarem um ovo abandonado no ninho, usam do mesmo nome para qualificar-o ou appellidá-lo (e, por isso, dizem, por exemplo: um ovo *gudcho* de éma, isto é, que por ella foi abandonado no

ninho). Occorre-nos lembrar que tambem noutras paragens brasileiras (Minas e Goyaz) se costuma dizer ironicamente que o orfão desamparado, ou o pequeno animal sem mãe, procede de "ninho de *gaúcho*". . . .

Se recorrermos a outros autores abonados, elles nos ensinarão, concordes, que, na lingua brasileira, o nome *gaúcho* é todo peculiar ao nosso extremo Estado sulino da costa, onde primitivamente, no seu territorio, viveram numerosas nações do gentio *Guarany* e *Tapuya* (os Guaranyes, propriamente ditos, e os Tapés, os Charrúas e Mínuanos, os Guenôas e Araxanes, os Carijós e Guacanans, os Gualáxos e Caaguás); mas, no decurso dos tempos, esses indigenas indomaveis foram se cruzando ali, no sul — do Rio da Prata ao Uruguay e Rio Grande, — com o sangue hispano-luso de raça branca, resultando a forte gente mestiça appellidada de *gaúcha*, habituada á vida nomade do campo e do pastorêis.

*Peasantry and herdesmen of mixed Indian and white blood, in the Platine States of South America* — eis como define a raça *gaúcha* recentissima obra editada na America do Norte (pag. 427 do volume IX, de *The Century Dictionary and Cyclopaedia*).

Vejamos agora como o conceitúam varios escriptores patrios.

"O *gaúcho* é o habitante do campo, oriundo, pela maior parte, de indigenas portuguezes e hespanhóes; e são elles naturaes não só das Republicas Platinas, como do Estado do Rio Grande do Sul". "Dão-se á criação de gado vaccum e cavallar e são notaveis por seu valor e agilidade". (Beaurepaire-Rohan, á pag. 60 do seu *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*, editado em 1889, e cuja definição é repetida, *ipsis-verbis*, pelo dr. A. Moreira Pinto, no II volume, pagina 74 dos *Apostamentos para o Diccionario Geographico Brasileiro*, edição de 1896). Em Romaguera Correia (vide pag. 95 do seu *Vocabulario Sul-Rio Grandense*, edição de 1898) vem asseverado que o nome *gaúcho* — ora empregado como substantivo, ora como adjectivo, variaveis em genero — está "mui desvirtuado de sua verdadeira significação", pois que "por *gaúcho* eram conhecidos alguns bandos de indios guerreiros e cavalleiros que habitavam grande parte da Republica Argentina, e, obrigados a mudar frequentemente de sitio, por causa dos continuos ataques de seus inimigos, não tinham habitação certa". Só "mais tarde, applicou-se aquella denominação (*gaúcho*) aos restos, já mui esparcos e aniquilados pelas guerras aos indigenas—que existiam na Republica Oriental e no Rio Grande do Sul—e os quaes, extremamente valentes e bons cavalleiros, tinham os mesmos instinctos e costumes de vida errante e vadia daquelles

cujo appellido receberam". "Hoje, porém (conclue Romaguera Correia), applica-se esse termo *gaúcho* aos individuos da *campanha*, que montam com garbo e elegancia especial e são bons cavalleiros".

Outro jovem e moderno escriptor (Roque Callage, á pag. 61 do seo *Vocabulario Gaúcho*, editado em 1926), depois de affirmar que todas as demais definições que conhece sobre a palavra em questão coincidem com quanto escreveu o dr. Romaguera, ajunta por sua vez: "Com o tempo, porém, o *gaúcho* foi tomando outro aspecto e uma expressão muito especial"; e "hoje o *gaúcho*, o *gaúcho*, o nosso campones, emfim, é o typo representativo da vida accidentada das coxilhas, da existencia patriarchal das nossas fazendas ou estancias, onde se perpetuam os costumes e habitos *gaúchos*".

O *gaúcho* é a expressão typica do valor e da coragem (accrescenta R. Callage): "e, identificado com o seo companheiro inseparavel — o cavallo —, elle symboliza, nas galopadas pelas planuras, a figura mythologica do Centauro", de modo a se poder affirmar que "por *gaúchos* se têm, hoje, com orgulho, todos os filhos do Rio Grande do Sul".

Por nossa parte quereremos recordar que é elle esse typo caracteristico do "monarcha das campinas", que Cesimbra Jacques nos desenhou, e que nos *pagos* sulinos não raro se encontra ainda, conservando o mesmo desempeno e o garbo do cavalleiro *gaúcho* primitivo, trajando o seo famoso *chiripá*, com as bombachas de franjas, o poncho e o pála sobressalentes, o largo chapéo desabado, sem dispensar a faca aparelhada de prata, as chilenas ou esporas de aguçadas rosétas, o laço enrolado á sella e as boleadeiras á cintura, trazendo sempre á mão o "chiquerador" ou rêlho de comprido látego.

Esse *gaúcho*, habitante da *campanha*, é realmente ainda synonymo do bom cavalleiro que monta com indiscutivel garbo e elegancia (Teschauer, *Novo Vocabulario Brasileiro*, pag. 101, da edição de 1918); e, corajoso e altivo, dotado de temperamento um tanto sentimental, algo melancolico e dado a aventuras, continúa a ser elle o thema inspirador das trovas e quadras populares da conhecida poesia do *Gaúcho Forte* e de outros versos do *folk-lore* rio-grandense, como esse vibrante *Canto Gaúcho* do poeta Taveira Junior.

Aliás, é de lembrar-se, o *gaúcho* casquilho já era dado por José de Alencar, no conhecido romance em que estudou o seo typo, como sendo o "*janota da campanha*". Todas as proezas do *gaúchismo*, desde as primeiras aventuras ou *callfórniás* do *gaúchito* até as arrancadas heroicas dos *gaúchos* guerrilheiros e soldados já feitos, constituem o assumpto predilecto da narrativa de uma *gaúchada*.

Esta (define-n o dr. Romaguera, op. e loc. cit.) vem a ser o "rasgo ou acto arrojado praticado a cavallo, ou mesmo a pé, por pessoa *campesina*, por um puro *gaúcho* ou por um outro qualquer individuo; e, como tal, se entende por *gaúchada* e assim se qualifica uma "faganha ou commettimento de difficil ou arriscada execução". Os primitivos e rudes costumes *gaúchados* foram se polindo ao contacto de maior civilização na vida rural rio-grandense, não obstante ser mister confessar que, nos dias cruentos das discordias civis, não raro ali fizeram ephemera explosão os instinctos adormecidos dos bandos que resurgiram a selvageria dos primitivos cavalleiros *gaúchos*, centauros destemidos, outrora acostumados á cruel turbulencia da vida guerreira nómade e independente, sem freios de autoridade ou temor de lei...

Dom Francisco Bauzá, o historiador uruguayo da dominação hespanhola no Rio da Prata (vide citação á pag. 432, do segundo volume da excellente *Historia do Rio Grande do Sul*, pelo erudito padre C. Teschauer) mostra como nasceu o *gaúcho* do resultado de violentas méscelas raciaes, extintas que foram as reduções missionarias dos jesuitas, no Sul, e desde quanto (no dizer de Rob. Southey, outro historiador de pulso) começaram os infelizes indigenas a fugir do despotico dominio de portuguezes e castelhanos, para se estabelecerem em toda sua liberdade, na *campanha* deshabitada e êrma, onde o povoamento se foi fazendo por cruzamentos do sangue indigena e do europeu, com predominancia da ascendencia americana, o que ainda melhor accentuou o typo puro dos primeiros povoadores da terra, nas extremas do Brasil meridional.

Naquella rude existencia semi-barbara, com a vida sempre exposta a riscos, perigos e desconmodidades sem conta, veio a se formar o *gaúcho*, como typo resultante de todas as fusões dos diversos elementos enumerados, "e como o primeiro élo da nova e definitiva raça, que tinha de occupar o sólo", com sua nativa energia. Na bacia do rio Uruguay, nem todos os primeiros *gaúchos* ou *gaudérios* eram de uma só raça; e com aquelles indios puros e mestiços, primitivos senhores e occupantes da terra de nascimento, vieram se misturar e viver, em glébas da *campanha* rio-grandense, innumerous ribaldos refugiados e outros aventureiros lusos e hespanhóis.

No decurso de algumas gerações chegou a se esboçar outra mais perfeita organização social, entre os habitantes da *campanha* rio-grandense, cujo genero de vida pastoril, como criadores de gado, nelles accentuou, de modo notavel, o genio hospitaleiro e franco, o espirito generoso e altivo, com certa rudeza de maneiras e natural

propensão para a vida simples e independente, no seio dos campos natues, de envolta com um temperamento eivado de forte dóse de sentimentalismo e algo de tristeza e retrahimento, não sendo de esquecer a despreocupada indifferença do *gaúcho* rustico pela previdência de seu futuro bem estar material.

Quem convive e estuda ou priva com o civilizado *gaúcho* de nossos dias poderá evocar o velho dito latino do *quantum distat ab illo...* Pois, é facto que, em seus primeiros tempos, o nome de *gaúcho* "era synonymo ou de vagabundo ou malfeitor" (escreve o referido Bauzá, em sua cit. *Historia de la dominacion hespañola*); "ao depois, fez-se extensivo aos que vagueavam sem occupação fixa, providos de uma guitarra, entoando cópilas alheias ou proprias, e aos que sobresahiam nas pendencias e na galanteria rustica das *campiñas*". Mas, no decurso de um seculo e tanto, o *gaúcho* (remata Teschauer, no segundo volume de sua *Historia*) "soube se elevar a uma estimada posição na sociedade rio-grandense", de sorte que esta começou a gabar-se de taes cavalleiros, que na guerra do Paraguay (sob o commando Invicto de Osorio e Andrade Neves, notadamente) e, em outras acções bellicas, prestaram tantos serviços á defesa da Pátria e praticaram tantas taçannes que enegaram a se cobrir a si mesmos e a toda a sua terra natal de gloria immorredoura, a tal ponto que passou este nome tradicional a designar ao proprio Rio Grande do Sul e a seus dignos filhos, justamente orgulhosos do appellido regional — *Gaúchos*". (\*)

Bello Horizonte (Minas Geraes), 14 de Janeiro de 1928.

Prof. Nelson de Senna

(\*) Este nosso estudo sobre as origens e significação da palavra *gaúcho* foi publicado simultaneamente, em fins de Janeiro de 1928, nos jornaes O PAIZ (do Rio de Janeiro) e A FEDERAÇÃO (n. 27 da edição de 31 de Janeiro, desse diario porto-alegrense), donde alguns periodicos e publicações da Republica Oriental o transcreveram. E, em Julho de 1933, nelle inspirado, o publicista uruguayo dr. Buenaventura Caviglia (Hijo) deu á estampa o seu apreciado opusculo: "Gau'cho (de Garrucho, portador de garrucha — garrucha)", impresso em Montevideo, typ. de "El Siglo Ilustrado" (92 pags.).

## Ethnographia Brasileira

### Os Indios "Charrúas" do Sul (Breve Estudo Ethnographico)

(Capitulo extrahido da 3.ª edição, em preparo, do conhecido livro — "Os Indios do Brasil", cuja 1.ª edição seu Autor, o dr. Nelson de Senna, fez aqui apparecer, nesta Revista do Archivo Publico Mineiro, em 1905).

*Charrúas* — Indios tambem ditos *Charruáns*, *Charruáns*, *Charruétros* e *Charruécas*, sendo outróra tambem usada a graphia *Xarrúas*. A prosodia *Charruás* ficou para a região amazonica, onde houve o gentio *Charruá* (alcunha tupi desse selvagem dos "olhos muito salientes" no rosto). O nome indigena sul-americano *Charrúa*, designativo de um povo selvagem de origem *Pampeana*, na região do extremo Sul do Brasil e nas convizinhas terras platenses, nada tem que vêr com o termo portuguez homonymo (um gallicismo derivado do francez *Charrue*, especie de arado com uma só aivéca e usado pelos agricultores para lavrarem o sólo); e em nosso paiz aquelle americanismo *Charruá* (pronunciado *xarrúa*) ficou conservado na linguagem popular, mesmo depois de extincto o referido gentio no territorio gaúcho.

Como nome local riograndense, ha uma fazenda ou estancia — *Charrúa* — no municipio de Uruguayana; e alli no extremo Sul se conhece uma ave de campo pelo mesmo nome vulgar de "*charrúa*". Na flora sylvestre do Brasil, é tambem conhecida uma planta medicinal a que o povo dá os nomes de "*Herva-charrúa*", "*herva-charruána*" ou "*herva-charrueira*", sendo igualmente distinguidas as variedades do mesmo vegetal: "*charrúa-miúda*", "*charruêira*" e "*charruinha*". O "brasileirismo" regional paulista — *charróa* — designa um remate de trança de couro para chicóte ou rédea.

— Ainda existem descendentes mestiços ou cruzados do gentio *Charrúa*, nos territorios limitrophes do nosso Estado do Rio Grande do Sul e da Republica Oriental, onde o typo inferior do gaúcho do